



VOZ

de

ANTAS

Diretor/Editor: Pe. M. Brito Ferreira

Correio
EditorialAutorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papelTaxa Paga
Portugal
Linda a Velha

Autorização nº 556928 de 50580

setembro - outubro 2020
3ª Série - Ano XLIV - nº 299
ISSN 2182-474 - Preço 2,5€

TRÊS GRANDES FERIDAS DO NOSSO TEMPO: DO AMOR, DA MORTE E DA FÉ

Todas as épocas têm as suas características, as suas vantagens e os seus perigos e ameaças. O nosso tempo sofre de três grandes feridas que nos levam à inquietação e à incerteza, contribuindo para a solidão, não a solidão habitada, necessária para estar consigo e com os outros na profundidade, mas a solidão do abandono. Essas feridas são a do amor, a da morte e a da fé.

1. A FERIDA DO AMOR

Hoje, vivemos num mundo no qual o amor na sua permanência se tornou efémero e inseguro. Quem diz hoje, de modo seguro, amor “para sempre”? Quando se olha para as estatísticas, não é antes o “enquanto durar” que está em vigor? Aconselhava-me há dias alguém, por ocasião da celebração dos 50 anos de casamento de uns amigos meus, a que presidi: por este andar, comece a celebrar os 10 anos, os 20 anos de casados das pessoas, porque isto das bodas de prata e de ouro, aos 25 e 50 anos, é cada vez mais raro e a acabar... Como é sabido, Portugal está na frente quanto à percentagem de divórcios (há um divórcio por hora em Portugal) e em Espanha os casamentos duram em média 16 anos...

Razões? Certamente, o aumento da esperança de vida é uma delas: o que antes eram 20 ou 30 anos de casamento agora poderão ser 50. Assim, porque não desfrutar de dois ou três casamentos mais? Por outro lado, numa cultura do descartável, da fuga ao sacrifício e à renúncia e do culto da superficialidade, o que fica é também a incapacidade do compromisso

continua na página 3

TEMPOS DE INCERTEZA E COMPLEXIDADE

Na atual conjuntura de pandemia global, o Serviço de Informações de Segurança (SIS) mantém todo o seu perímetro de ação com a adequada adaptação de meios para a produção de informações, pois parece evidente que deste surto do SARS-Cov-2 sobressai a ligação entre crise sanitária e a segurança nacional. As implicações do confinamento colocaram desafios relevantes a todas as organizações. Quer ao nível diplomático, quer estratégico e operacional, houve implicações diretas na segurança internacional e nacional, desde dificuldades na cadeia de abastecimento de produtos sanitários essenciais, a ações de desinformação, estratégias de pressão sobre organizações multilaterais e ações de influência com impacto direto na avaliação de segurança.

cont. na página 8

INVESTIMENTOS PAROQUIAIS

Página 2

ESPAÇO DA CATEQUESE

Página 5

VISITA PASTORAL

Página 4

ROTEIRO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E RELIGIOSO

Página 8

INVESTIMENTOS PAROQUIAIS

Uma das palmeiras do Campo da Igreja estava infetada e um casulo do besouro escaravelho-vermelho



Palmeira infetada



Casulo do *Rhynchophorus ferrugineus* (escaravelho-vermelho)

(*Rhynchophorus ferrugineus*), também conhecido como praga das palmeiras ou simplesmente escaravelho das palmeiras. Temos, por isso, que a cortar e queimar, pois é a única forma de eliminar esta praga. Em substituição das plameiras, que esta-

vam já infetadas, vamos plantar sete ciprestes mediterrânicos (*Cupressus sempervirens stricta*), também conhecidos como cedro-bastardo, cipreste-comum, cipreste-italiano e cipreste-piramidal. Para além de ser mais típico das paisagens mediterrânicas, é muito resistente ao fogo e de folha permanente — *sempervirens* quer dizer “sempre verde” —, mantém a forma piramidal e tem um enorme simbolismo para todos os cristãos, pois, porque tem uma grande longevidade — há casos comprovados com mais de mil anos —, simboliza a morte e a vida eterna. O número sete é também muito simbólico para nós cristãos, pois representa o sagrado e o espiritual. Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo. É também o número das virtudes (três virtudes teológicas — fé, esperança e caridade — e quatro virtudes cardeais — prudência (ou sapiência), justiça, fortaleza e temperança (ou moderação) —, bem como dos pecados capitais — orgulho, inveja, avareza, ira, luxúria, gula e preguiça —.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

Diretor / Editor
P.e Manuel de Brito Ferreira

Propriedade
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas – Esposende
NIPC: 501305173:

Depósito Legal: 18 861/84
ISSN: 2182-4746
ERC: Registo n.º 107 626

Tiragem: 800 exemplares

Redação / Administração:
P.e Manuel de Brito Ferreira
+351.253871438 / +351.965888508
pe.brito@sapo.pt / pe.manuel.brito.ferreira@gmail.com

Gonçalo Fernandes
+351.253871887 / +351.933258057
gfg@utad.pt / goncalo.sa.fernandes@gmail.com

Morada do Editor / Proprietário / Redação
Centro Paroquial
4740-014 Antas EPS

Estatuto Editorial:
<https://www.facebook.com/pg/vozdeantas/about>
Versão Digital (PDF):
<http://www.cm-esposende.pt/jornais/>

Composição / Impressão:
TIPOPRADO-Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1, Apartado 6
4730-908 Vila de Prado
+351.253929140 – Fax +351.253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

PAINÉIS EM TEMPOS DE COVID-19

Nestes últimos tempos, também se evangelizou através de painéis grandes (300cm x 200cm) colocados em pontos estratégicos da Paróquia, no Adro da Igreja e de Santa Tecla.

Painel de Tempo de Férias

Painel de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara

21 Setembro, 22, 23 e 24 Setembro às 18 horas
Domingos 1.º Setembro
10:30 h. Missa Solene

FESTA 2020
SANTA TECLA
Santa Luzia
e Santa Bárbara

Santa Tecla
Devoção
Gratidão e Prece!

Santa Bárbara
Confiar na sua
proteção e auxílio
valioso de
Padroeira Célestes!

Santa Luzia
Brilhe a Vossa luz
diante dos homens!

"Acabará por ser uma Festa mais íntima, terá um peso emocional mais forte, acreditar que este ano as pessoas que vêm será por devoção, torna-se assim a Festa num clima de interioridade e espiritualidade que não temos noutros anos, talvez se volte à simplicidade e às origens, na Festa dentro de nós e na relação com os Santos da nossa devoção."

Contamos Contigo!

TEMPO DE FÉRIAS

"Quem a seu tempo descansa, produz o dobro e não se cansa"

O evangelho traz-nos o convite do Senhor: "Repousai um pouco!" Para os que têm fé, a melhor proposta é, neste tempo de repouso, fazer bem as pequenas coisas de cada dia, partilhar fraternalmente com os outros alegrias e tristezas, colocando cada coisa no seu lugar e Deus no centro das nossas vidas.

BOAS FÉRIAS!

COMISSÃO DE FESTAS DE SANTA TECLA, SANTA LUZIA E SANTA BÁRBARA 2019-2020 E 2020-2021

Em boa hora apareceram voluntários para a Comissão de Festas de Santa Tecla, Santa Luzia e Santa Bárbara. Em 2020, será apenas realizada a festa religiosa, sem procissão, mas esperamos que, em 2021, já seja possível retomar as tradições e ter uma festa completa:

Presidente: Pe. Manuel de Brito Ferreira

Vice-Presidente: Vítor Manuel Viana de Almeida

Secretário: Vicente Sampaio

Tesoureiro: José Armando Fernandes Casal

Vogais:

Manuel Cruz; Manuel Costa; Carlos Miguel Rocha

Élio Cunha; Rui Meira

A todos o nosso bem-haja.

GRUPO CORAL

Em julho passado, o Sr. Domingos Carneiro apresentou, por questões pessoais, a demissão de Tesoureiro do Grupo Coral de S. Paio de Antas, acompanhado do respetivo relatório de contas. Por uma questão de transparência e para memória futura, aqui ficam registadas as contas desde setembro de 2014 a fevereiro de 2020. O saldo positivo transita, na sua totalidade, para o mandato seguinte, para cobrir as despesas do próprio grupo. Ao Sr. Domingos Carneiro, o nosso agradecimento e um muito bem-haja de toda a paróquia.

cont. no próximo número

TRÊS GRANDES FERIDAS DO NOSSO TEMPO: DO AMOR, DA MORTE E DA FÉ

cont. da 1ª página

definitivo. O Papa Francisco, em *A Alegria do Amor*, fala de várias feridas do amor: o amor egoísta; a falta de tempo para o encontro, para o diálogo, para a escuta; a paternidade/maternidade egoísta ou negada; as expectativas demasiado altas, irrealistas e, conseqüentemente, defraudadas... O que daí se segue, citando o Sínodo sobre a Família: “Uma das maiores pobreza da acultura atual é a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações.” Vale a pena bater-se por uma família estável, pois é esteio para uma vida feliz e é o melhor lugar para ter filhos e educá-los. A desestruturação da família é um dos perigos maiores para o nosso mundo.

2. A FERIDA DA MORTE

Uma característica essencial da nossa sociedade é a morte enquanto tabu. Disso não se fala. Não é de bom-tom. Como aceitar falar da morte numa sociedade na qual o que se valoriza é o ter, o sucesso? Este é o paradoxo: por um lado, nada mais certo do que a morte; por outro, a sua ocultação. E aqui reside a pobreza da nossa sociedade: na obtenção das perguntas essenciais e da verdade da vida, na tentação do autoengano, perde-se a perspectiva da existência autêntica. Para ser o que é, vivendo na superficialidade, na corrupção, na vaidade oca e vazia, no esquecimento do essencial e do que verdadeiramente vale, esta sociedade tem de ignorar o pensamento da morte. De facto, confrontados com a morte, repentinamente tudo muda, as decisões são outras, porque aquilo que parecia decisivo aparece então a outra luz: banal e prescindível.

J.M. Rodríguez Olaizola refere uma experiência muito significativa. Pelo Natal de 2015, um conjunto de organizações quis fazer um estudo sobre percepções, prioridades e valores dos jovens madrilenos. Para isso, juntaram um grupo e foram perguntando, um a um, que prendas pensavam dar nesse Natal a uma pessoa muito significativa (na maioria dos casos, tinham indicado os pais). As respostas eram alegres, vulgares, mais ou menos originais. Mas, depois, seguia-se uma nova pergunta: E se soubesses que estas são as últimas prendas que vais oferecer, pois essa pessoa vai morrer, este é o último Natal que vais passar com ela? Aí, de repente, os rostos contraíam-se, o silêncio era todo, as palavras arrastavam-se e as respostas surgiam cheias de profundidade, cuidado, emoção, intensidade. E a perspectiva do fim dava outra orientação às prendas, havia outra profundidade. Nesse cenário, as prendas estavam “car-

regadas de sentido, significado e ternura”. A consciência da morte dá outra sabedoria ao viver.

3. A FERIDA DA FÉ

Durante séculos, viveu-se no Ocidente numa sociedade crente. A fé era o que poderíamos dizer uma evidência social, de tal modo que o difícil era ser não crente, pois os não crentes eram estigmatizados e até perseguidos. Claro que havia o perigo de uma fé imposta, mas a cosmovisão comum era religiosa e, portanto, era mais fácil ser crente, aceitar a fé e praticá-la: as pessoas acreditavam, rezavam, celebravam naturalmente em conjunto. Hoje, as coisas são diferentes, muito diferentes. A liberdade religiosa é um valor inquestionado. A fé e a religião estão submetidas à crítica, por vezes ácida, por parte da filosofia, da ciência e da opinião pública, também no contexto de um laicismo agressivo. As estatísticas mostram que a religião está em queda acentuada. Os valores são cada vez mais os da autonomia, do individualismo, do hedonismo, e talvez nunca como hoje se tenha afirmado tanto o valor desta vida terrena em contraposição com a vida eterna, desvalorizada.

A fé é hoje um combate mais duro, e, escreve J.M. Rodríguez Olaizola, “o crente tem de aprender a manter a sua fé um pouco contra a corrente. A eterna dúvida ou o abismo perante o silêncio de Deus é hoje um desafio enorme para os crentes, que veem que outros parecem viver de modo estupendo sem necessidade de referir-se a nenhuma religião nem a nenhuma divindade”. Porque é que Deus não se manifesta de modo claro, parecendo, pelo contrário, por vezes, que nos abandona?

A situação não é cómoda, é muito mais exigente. Mas será preciso ver e aproveitar as suas vantagens, para despertar a fé. Caminharemos cada vez mais para uma Igreja de voluntários, na qual a fé convive com um combate pessoal, numa entrega única e confiada ao mistério do Deus silencioso e salvador. Com razões e todas as conseqüências na vida, seguindo o exemplo de Jesus e rezando aquelas palavras do Evangelho: «Senhor, eu creio, aumenta a minha fé.» Neste processo, o crente autêntico concluirá e até talvez possa mostrar a outros que a fé é mais razoável do que não acreditar. E poderá ainda aperceber-se de que Deus não é uma necessidade, mas «um luxo». Como uma rosa que se dá, sem porquê. Gratuitamente.

P.e Anselmo Borges, SMBN

Texto adaptado de *Diário de Notícias*, 27/10/2019

VISITA PASTORAL

SENTIDO DA VISITA PASTORAL

A visita pastoral é por natureza «uma das formas, corroborada pela experiência dos séculos, com a qual o Bispo mantém contactos pessoais com o clero e com os outros membros do Povo de Deus». É uma ocasião de reavivar as energias dos obreiros evangélicos, de os louvar, encorajar e consolar, como também a oportunidade de chamar todos os fiéis à renovação da sua vida cristã e a uma actividade apostólica mais intensa. A visita permite- -lhe, além disso, avaliar a eficiência das estruturas e dos instrumentos destinados ao serviço pastoral, dando-se conta das circunstâncias e dificuldades do trabalho de evangelização para poder definir melhor as prioridades e os meios da pastoral orgânica» (Congregação para os Bispos, Directório para o ministério pastoral dos bispos, 220).

A pastoral da Igreja não deixou de recomendar esta prática porque em cada tempo e circunstância sempre se revelou útil e necessária. Frei Bartolomeu dos Mártires, fez da visita pastoral um importante instrumento de renovação pastoral. Nos seus escritos ele defende: «De entre os cuidados pastorais, tem lugar principal o de visitar a diocese. A visita é como que

a alma do governo episcopal, visto que por meio dela o pastor se comunica mais efusivamente a todas as suas ovelhas, cujo bem e proveito tão amplamente procura. O verdadeiro bispo, quando sai a visitar as paróquias da sua diocese, é como o sol quando sai a iluminar as terras, realizando os três actos hierárquicos que vêm a ser: purificar, iluminar e aperfeiçoar. Cumpre-lhe exortar, pregar, admoestar, repreender, conferir o sacramento do crisma, examinar como são administrados os sacramentos, ver se o santo sacrifício da missa se celebra com reverência e decência; finalmente deve procurar consolar os que choram e se encontram na indigência, prestando-lhes todo o socorro quer espiritual, quer temporal» (Frei Bartolomeu dos Mártires, Estímulo dos Pastores, 122).

Após terem sido suspensas as visitas pastorais no nosso arciprestado, devido aos tempos de pandemia, serão retomadas e na nossa comunidade decorrerá nos dias 10 e 11 de Outubro e será efetuada pelo Ex.º Bispo Auxiliar da Arquidiocese d Braga, D. Nuno Manuel dos Santos Almeida.

GESTOS DE GENEROSIDADE

Desde o último número da *Voz de Antas*, recebemos, até ao dia 30 de agosto, os seguintes Gestos de Generosidade para a preservação dos bens e património da Igreja. A todos um bem-haja da Paróquia agradecida.

Nome	Morada	Euros
Anónimas, em louvor do Santíssimo Sacramento	Monte	100 €
Para ajuda da cera que se gasta no Altar da Missa		25 €
Em memória e sufrágio de Rosa Pires, a família	Pereira	150 €
Eugénia Meira de Sá, em sufrágio de seus pais, marido e padrinho João, em louvor do Sagrado Coração de Jesus, Santa Amaro e Santa Tecla	Guilheta	50 €
Doces de Romaria Maria Brito	Guilheta	25 €
Anónima, em louvor de Santa Tecla	Guilheta / França	100 €
Em memória e sufrágio de Gracinda Alves Moreira, o filho	Guilheta	50 €
Devoção ao Senhor dos Passos		50 €
Devoção à Senhora das Vitórias		50 €
Devoção ao Santíssimo Sacramento		50 €
Anónima, em sufrágio de seus familiares	Belinho	100 €
Em memória e sufrágio de Elvira Barros Costa, os filhos	Estrada	200 €
Manuel Lapeiro de Sá, em sufrágio de seus pais	Guilheta	40 €
Promessas e devoções na Capela de S. Cristóvão, António Neves Caramalho e Maria José Dias Lapeiro Caramalho	Guilheta	145,50 €
José Sá e Rosa Maria Pereira Neiva / Igreja Missionária	Azevedo	250 €
Carolina Neiva, pelas almas dos seus familiares / Igreja Missionária	Estrada	300 €
Em memória e sufrágio de Manuel Ferreira da Cruz, a família	Azevedo	200 €
Anónimas	Monte	100 €
Anónimo, em sufrágio de sua esposa e restantes familiares	Guilheta	250 €
Em memória e sufrágio de Maria Emília Cruz Torres Viana, a família	Azevedo	150 €

Continua no próximo número

BODAS DE OURO MATRIMONIAIS

Há 50 anos, Maria Laranjeira e Anselmo Costa, envolvidos pelo amor e pelo compromisso, decidiram iniciar uma vida em comum. Desta união nasceram duas filhas, Cândida e Natália, e quatro netos, Filipe, Mariana, Diogo e Bárbara, que agradecem todos os valores transmitidos ao longo da vida.

Hoje, dia 22 de agosto de 2020, celebram as suas Bodas de Ouro, chegando até ao altar do Senhor para serem abençoados e para consagrarem uma vida cheia de momentos felizes, conquistas e partilhas. A família agradece a todos aqueles que estiveram presentes e que tornaram este dia ainda mais especial.



MOVIMENTO ECLESIAÍSTICO

Nomeações para o ano pastoral de 2020-2021

Em 19 de Julho de 2020, Dom Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga, tendo presente as novas necessidades pastorais da Arquidiocese, procedeu às seguintes nomeações:

Pe. Manuel Domingos Sampaio Viana, nomeado pároco de S. Tiago de Aldreu, arciprestado de Barcelos, em acumulação com Sto. André de Palme, S. Tiago de Feitos, do mesmo arciprestado, e S. Bartolomeu do Mar, arciprestado de Esposende;

Pe. Manuel de Brito Ferreira, nomeado pároco de Nossa Senhora da Expectação de Tregosa, arciprestado de Barcelos, em acumulação com S. Pedro de Fragoso, do mesmo arciprestado, e S. Paio de Antas, arciprestado de Esposende...

C A T E Q U E S E

Muito se tem falado sobre o tempo que estamos a viver, as dificuldades que enfrentamos, as regras impostas e que precisamos cumprir e um sem número de pequenas coisas que nos levam a constatar que nada é como dantes. No que à catequese diz respeito a sensação que fica é a de que tudo ficou incompleto.

No próximo ano pastoral, mediante as circunstâncias, programaremos a catequese respeitando as regras em vigor, mas tendo a consciência de que precisamos avançar e não ser tolhidos pelo medo.

Durante este período em que a catequese foi suspensa, lançamos o blogue da catequese que poderá ser consultado no seguinte endereço <https://catequesedeantas.blogspot.com>, onde dinamizamos algumas atividades e fizemos chegar aos catequizandos e famílias diversas mensagens importantes.

Será através do blogue que divulgaremos a abertura do novo ano de catequese. A partir do mês de julho estarão abertas as inscrições para o 1º ano. Os interessados deverão dirigir-se à sacristia e preencher a ficha de inscrição.

Agora que entramos num período de férias escolares seria bom que aos poucos as famílias e as crianças regressassem à celebração da Eucaristia. Cumprindo todas as regras de segurança não devemos ter medo. Não deixemos que ele roube a nossa vida. Precisamos de ouvir a esperança e não o medo.

Celebrações Batismais 2020

24 de Março:

Maria do Rosário Correia de Oliveira Guedes, filha de António Azevedo Soares Guedes e de Maria Assunção Aguiar Correia Oliveira Guedes.

Batismo de urgência na capela da Casa Avelo, Penafiel.

1 de Julho:

Leonor Correia Salgueiro, filho de Nuno Eduardo da Costa Salgueiro e de Maria do Céu Martins Correia da Costa Salgueiro.

19 de Julho:

Laura de Brito Gonçalves, filha de Nuno Miguel Barros Gonçalves e de Joana Sofia Neiva de Brito.

02 de Agosto:

Juliana Torres de Barros, filha de Pedro Miguel Laranjeira de Barros e de Jéssica Alexandra Campos Torres.

9 de Agosto:

Santiago Daniel Costa Martins, filho de Manuel Bendito Magalhães Martins e de Maria de Fátima Fernandes da Costa.

17 de Agosto:

Maximilian Stefan Ferreira, filho de Sérgio José Esteves Ferreira e de Magdalena Hijaz Ferreira.

Daniel Leonardo Ferreira, filho de Sérgio José Esteves Ferreira e de Magdalena Hijaz Ferreira.

Nas mãos de Deus...

Partiram para a Casa do Pai

MARIA EMÍLIA DA CRUZ TORRES VIANA

Nasceu em S. Paio de Antas a 02 de Maio de 1966, filha de Almerinda Lourenço Faria da Cruz e José Viana de Meira Torres. Casou com Mário da Cruz Viana a 10 de Junho de 1989. Como fruto desta união do matrimónio nasceram as suas duas filhas, Joana Viana e Inês Viana. Faleceu a 22 de Agosto de 2020 com 54 anos.



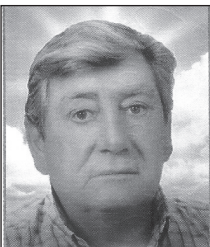
“A vida é uma grande e misteriosa viagem. Tudo começa na estação de partida sem conhecermos muito bem o nosso destino. No entanto, sabemos que muitos irão acompanharnos desde o início, outros entrarão na carruagem a meio da viagem e outros mais para o fim. Para além disto é difícil saber ao certo em que estação aqueles que possibilitaram a nossa viagem irão levantar-se e sair... Por muito que sejamos bons detetives e acharmos que a hora está perto, não podemos dizer com exatidão quando chega esse momento. Mas a verdade é que a hora chegou e a Tia Mila decidiu partir. Partir não sem propósito, mas partir para nos acompanhar de longe e nos guiar no resto das nossas viagens. Hoje choramos a mãe, a tia, a prima e amiga Mila. Uma mulher trabalhadora do Norte com alegria, genuína, muito simples, mas especial como só ela sabia ser. Tia, hoje pesa-nos a alma porque nunca é fácil dizer adeus a uma companheira de viagem tão fiel, dedicada, sensata e delicada, desta forma tão atroz. No entanto, tenho um grande orgulho em saber que a tua viagem teve aventuras tão bonitas e que com o teu fiel companheiro de viagem Mário deram origem a que hoje duas lindas mulheres sejam capazes de aguentarem com força a longa viagem que é a vida. Nunca nos esqueceremos de ti e sabemos que até ao momento em que os nossos caminhos se voltarem a cruzar estarás sempre alerta para que a nossas viagens também deem frutos e corram às mil maravilhas. Um até já Tia Mila, obrigado por tudo aquilo que nos ensinaste. Gostamos todos muito de ti.”

MANUEL FERREIRA DA CRUZ

Atriste e inesperada notícia correu célere na manhã do dia 3 de agosto: Faleceu em sua casa o Sr. Manuel Ferreira da Cruz, para os mais velhos também conhecido por "Manuel do Senhor Cândido".

O seu funeral, apesar da pandemia que nos obriga a evitar grandes aglomerações e a manter distanciamentos, teve a concórrência de centenas de pessoas que acompanharam a família em tão doloroso transe.

Tinha 83 anos, pois nasceu no lugar da Igreja, a 25 de fevereiro de 1937, na casa que tinha sido residência paroquial até ao falecimento do P.e Bento José da Mota e que, devido à lei da Separação do Estado e das Igrejas, tinha passado para a posse da Fazenda Nacional. O P. Ledo comprou-a em 1919 e, em meados



de 1935 permitiu que fosse habitada pelo jovem casal Cândido Meira da Cruz, da "Casa da Vigária", e Amélia Dias Ferreira, sua sobrinha e irmã do pároco seguinte P.e António Dias Ferreira.

Foi no lugar da Igreja que viveu com seus pais e irmãos José e Cândido, até 9 de agosto de 1949, dia em que a família veio ocupar a casa da "Tia Lima" no lugar de Azevedo. Tendo falecido o P.e Ferreira a 15 de julho desse ano, e tendo sido nomeado pároco o P.e Bejamim Salgado, a casa em que viveram precisava urgentemente de obras a fim de ser novamente adaptada a residência paroquial.

Foi aqui, ainda jovem, que começou a dedicar-se à caça e pesca, desportos que o pai, ainda solteiro, já praticava com vizinhos e amigos, entre os quais o futuro cunhado Padre Ferreira. Daqui resultou o Clube de Caça e Pesca, do qual foi sócio fundador.

Do casamento em Aldreu, em 1964, com D. Maria Belmira Queirós Gonçalves, resultaram os filhos Cândido José, Amélia e Manuel Fernando, que já os presentearam com quatro netos.

A tarefa a que se dedicou, e que muito beneficiou o povo de Antas, foi a de presidir durante 16 anos consecutivos à Junta de Freguesia, de 30.1.1977 a 8.1.1994. Foi o primeiro presidente a ser eleito ao abrigo do Decreto-Lei n.º 701/76, de 29 de setembro de 1976, que introduziu nova legislação sobre as atribuições dos órgãos das autarquias locais.

Uma das suas primeiras preocupações foi a de promover o alargamento e calcetamento dos estreitos e escalavrados caminhos mais utilizados nos diversos lugares da freguesia, entre os quais o que passou a ligar os lugares de Belinho e Azevedo, o que depois passou a ser a rua de Guilheta, e o que em Azevedo ia da venda e casa "do Sá" ao Cerquedo. Seguiu-se a construção da Escola Primária de Guilheta e o Campo de Jogos, depois de ter obtido da família Correia de Oliveira a dádiva de um terreno de mais de 13.000 metros quadrados. Outra preocupação foi o apoio que deu ao rejuvenescimento da Banda de Música e à construção da sede da Junta (agora Casa da Música), para a qual ofereceu o terreno de que, com seus irmãos, era proprietário na rua de Alvre.

Também a sua boa relação com a família da Casa de Belinho proporcionou a doação do terreno necessário para o aumento do cemitério paroquial e o alargamento do caminho para S. Paio de Cima.

Ainda durante o seu último mandato foi decidido estudar os nomes mais adequados a dar às ruas da freguesia e correspondente numeração das casas, por forma a que o carteiro entregasse corretamente o correio aos destinatários. A propósito, tendo em conta que a algumas ruas foi dado o nome de pessoas que mereceram tal deferência, aqui fica a sugestão à atual Junta de Freguesia para que uma placa com o nome de MANUEL FERREIRA DA CRUZ seja colocada numa rua, avenida, largo ou praça, já existente ou a construir.

R. S. (seu amigo desde agosto de 1949)

Maria Elvira Barros da Costa 28/03/1932 – 26/07/2020

“Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto,

viverá, e todo aquele que vive e crê em mim, nunca morrerá...”

(João 11:25-26)



Nasceu no lugar da Estrada, filha do casal Alfredo Ribeiro da Costa e Laurinda Pereira de Barros, era viúva de José Enes desde o ano 2000, faleceu no Hospital de Barcelos, vítima de grave doença, mas que se verificou

de forma quase inesperada.

O Senhor chamou-a numa data de que tanto gostava - o "Dia dos Avós" e que sempre fazia questão também de lembrar, o de São Joaquim e de Santa Ana. Mulher simples, mas de uma imensa coragem, sofreu as dificuldades de quem teve que criar e educar uma grande família nos duros anos de emigração em França, e mais tarde ultrapassar heroicamente três delicadas cirurgias a que foi submetida. Todas as vicissitudes da sua vida, eram superadas através de uma infinita fé e devoção a Deus e à Virgem Maria, assim como todos os seus momentos felizes, repartidos pelos seus 8 filhos, 17 netos e 7 bisnetos.

Na dor e saudade da sua partida para a Eternidade, fica a grata memória do seu exemplo de vida, na família e na comunidade.

- Que o Senhor a receba no Seu reino de glória!

Vovó Vira,

O dia que tu mais ansiavas chegou,
e não podia ser dia mais maravilhoso;
partiste no "Dia dos Avós" para a Casa do Senhor.
No teu lar cá na terra, deixastes os teus
que já com muita saudade recordam
o quanto gostavas de os receber,
de falar e falar...

de contar as tuas histórias,
e cantar cantigas do "teu tempo",
e de rezar!

É com grande dor que sentimos a tua partida,
mas com a certeza que estás onde sempre querias
estar:

No Céu!

(Somos os teus netos)

José Augusto da Costa Barros
Nasceu a 08-02-1948 e faleceu a
29-07-2020.



" E não precisou muito tempo para
ires embora também!

A tua (amada), assim lhe chamavas,
foi ter com o mano e tu desististe de
viver, estavas desejando ir ter com eles,
não lutaste, não querias mais, foram quatro meses e oito
dias de angústia sem haver tempo para luto para digerir
tamanho choque que foi a perda da mãe e tu querias ir
ter com ela.

A doença tomou conta de ti e o desgosto rápido te levou
para o pé do teu filho e da tua amada. Fiquei sem chão
mais uma vez. Mãe e Pai em tão pouco tempo! Uma dor
que não encontro palavras para descrever um vazio gigante
que chega a tirar o ar, e assim me despedi de ti também!

Até já meu querido pai, agora estás em paz, sem sofrimento,
quero crer!

Para trás deixaram uma filha destroçada, um genro e
netos que vos amam muito, e assim será para sempre
até ao nosso reencontro!

Obrigada meus pais, minha vida! Eternamente meus
ídolos, amo-vos!"

1977-2020

Recordar é viver, ter memória é sinal que estamos vivos e lúcidos.

Todo o católico conhece o Cântico de entrada: Alegrei-me quando me disseram vamos para a casa do Senhor. Foi precisamente o que aconteceu comigo, quando me disseram: - a missa do domingo da Senhora das Vitórias vai ser missa campal.

Foi o rebobinar da bobine das memórias, o ir ao baú das recordações e recordar que a primeira missal campal celebrado pelo Senhor Padre Manuel Brito em Antas fora precisamente no ano de 1977, nas Festas da Nossa Senhora das Vitórias.

Na qualidade de Chefe do Grupo de escuteiros, numa conversa que tive com o Senhor Padre Brito fiz o pedido para a cerimónia de promessa dos novos escuteiros ser numa missa campal no adro "alameda" do cemitério. Tinha essa experiência de ter participado em Angola, onde tinha sido escuteiro e sabia de antemão que seria muito participada pela comunidade paroquial, porque era a primeira missa campal do Padre Brito em Antas, era o domingo da Nossa Senhora das Vitórias, era a promessa dos jovens escuteiros, enfim estavam reunidas as condições para ser uma missa muito participativa. Pedido feito, pedido atendido.

E assim foi, na tarde de sábado reunimos (escuteiros) e levamos a efeito a "construção do altar", sendo colocado no cimo da escadaria que dá para o adro do cemitério.

A missa campal, foi abrilhantada e acompanhada com os cânticos do Grupo Coral e no meio da celebração eucarística, aí fizeram a promessa os novos escuteiros.

Quem esteve presente, (já passaram quarenta e três anos) recorda-se de certeza de ver aquele espaço desde o altar até ao portão do cemitério, banhado por um mar de gente, pois para além dos paroquianos residentes, também era a altura da chegada dos primeiros emigrantes, filhos da terra que estavam emigrados por essa Europa fora, visitarem a terra natal, reverem e confraternizarem com seus familiares e amigos.

Foi no final das celebrações que conheci alguns filhos da terra, que estavam emigrados, que me vieram dar os parabéns e felicitações na qualidade de chefe do Grupo. Uns já partiram para o eterno descanso, outros regressados e a desfrutarem a sua reforma, vamos nos encontrando quando me desloco a Antas.

Nesta missa campal deste ano, apesar dos condicionamentos impostos pela pandemia, foi com alegria e felicidade ter estado presente, assistir a missa, no final ter estado com antigos escuteiros, recordar a "nossa" missa campal e relembrar os nossos irmãos escuteiros, uns a viver por essa Europa fora, alguns nos EUA e outros já partiram para o Acampamento Eterno. Que descansem em paz no esplendor da luz divina.

Uma palavra de apreço e agradecimento aos membros da comissão de festas, aos grupos e todos aqueles, que estiveram no árduo trabalho da logística para a realização da missa campal, cumprindo as normas e orientações estabelecidas pela D.G. Saúde e que levaram a efeito a transmissão da missa via internet, aos quatro cantos do mundo para os filhos da terra terem tido a oportunidade de acompanhar a cerimónia eucarística.

Mário Poças

TEMPOS DE INCERTEZA E COMPLEXIDADE

cont. da 1ª página

2. O SIS foi criado em 1985, há precisamente 35 anos, com a atribuição de produzir informações destinadas a garantir a segurança interna e necessárias a prevenir a sabotagem, o terrorismo, a espionagem e atos que pela sua natureza possam alterar o Estado de direito constitucional. O seu trabalho é um labor objetivo, isento de qualquer subjetivismo e desígnio político senão o da salvaguarda das instituições democráticas decorrentes da Constituição. Com os dados conhecidos naquele preciso momento, procura oferecer ao decisor político, cuja legitimidade decorre da Constituição, o conhecimento preventivo das ameaças à segurança interna e ajudar na diminuição da incerteza no processo da tomada de decisão. A atuação do SIS não é a da recolha da prova dos factos ocorridos, mas a do esforço para evitá-los.

3. Sem esquecer as ameaças clássicas como a espionagem, crime organizado e proliferação de armas de destruição em massa, nos últimos anos concentrámo-nos no combate à ameaça do terrorismo internacional jihadista. A cooperação europeia entre serviços de informações internos está a impedir as organizações terroristas, nomeadamente do Estado Islâmico, de atuarem fora da sua zona de influência. No entanto, essa ameaça continua a ser persistente, incluindo para Portugal; está em mutação constante, ganha resiliência, adapta-se aos novos cenários. A atenção europeia centra-se, também agora, na radicalização interna, na atuação dos *lone actors* no terrorismo *homegrown*. A cooperação nacional e internacional continua a ser o motor de mitigação destas ameaças e uma responsabilidade que o SIS assume com reconhecido mérito por parte dos seus parceiros.

4. Vivemos um ambiente de segurança cada vez mais

complexo que impede o “comportamento de avestruz” aos serviços de informações. Joga-se cada vez mais no ciberespaço e a desinformação, através das redes sociais, manipula a opinião pública, conduz ao enfraquecimento das democracias, à descridibilização dos líderes políticos e à radicalização do exercício da cidadania. Surgem os movimentos inorgânicos, muitas vezes violentos, aumenta o discurso do ódio e crescem os extremismos políticos. A agressividade de serviços de informações estrangeiros contra interesses nacionais vitais e a espionagem económica ganham sofisticação. E, ainda, a economia digital, a transformação energética, a segurança económica e financeira, a intersecção entre ameaças, as alterações climáticas, a desertificação do interior, os fluxos migratórios, as pandemias e as epidemias juntam-se às “velhas” ameaças. Todas constituem um “caleidoscópio” e delas resulta uma “nova agenda das informações” que desafia quer os serviços, quer o decisor político e que a crise sanitária da covid-19 acentuou.

5. Tais missões só serão possíveis de cumprir pelos serviços com instrumentos legais adequados à gravidade das ameaças e ao progresso tecnológico, em modernização constante, com a sensibilização da opinião pública, com planeamento a médio prazo suportado em orçamentos previsíveis que permitam recursos humanos capacitados e profissionais comprometidos com a Constituição e com o serviço público, capazes de um contributo democrático e válido à segurança interna e à defesa dos interesses nacionais. Os tempos de incerteza são o desafio da nossa missão.

Adélio Neiva da Cruz,

Diretor do Serviço de Informações de Segurança (SIS)

ROTEIRO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E RELIGIOSO

O Município de Esposende, através da Divisão de Educação, Cultura, Juventude e Desporto do Museu Municipal e Núcleos Museológicos de Esposende, está a proceder à colocação de placas de sinaléticas, para a constituição de um Roteiro do Património Cultural e Religioso do concelho de Esposende. A placa que será colocada junto à Igreja Paroquial de S. Paio de Antas conterá a seguinte descrição:

27. Igreja Paroquial de Antas

Séc. XIX

A Igreja primitiva remonta ao séc. XII (28 de abril da era de 1163, ano 1125 da era cristã). O atual templo resulta da ampliação de 1879, pelo Padre Bento José da Mota (1837–1913, pároco de 1878–1913) e é de estilo arquitetónico neoclássico, com corpo longitudinal.

A fachada principal é contracurvada, em pedra e profundamente ornamentada, com a torre sineira ao centro. A torre é rasgada por um portão em arco abatido encimado por um janelão coroado com o nicho do padroeiro, S. Paio, e termina com uma cúpula decorada com fogaréis e encimada por cruz. É ladeada por duas janelas, simétricas, em verga reta e encimadas por almofadas, de pedra.

O seu interior é de três naves, com destaque para a capela-mor de riquíssima talha dourada, os tetos, os azulejos e os retábulos.

Fig. 1 Igreja Paroquial de S. Paio de Antas

Fig. 2 Nave Central

Fig. 3 Altar-mor

Fig. 4 S. Paio (padroeiro)

Fig. 5 Coro